



Maria Luísa Soares

Os meus Natais

“O Pai Natal só haveria de fazer a sua aparição mais tarde e com ele a árvore de Natal. A TV e, sobretudo, os americanos que nessa altura ocupavam a base das Lajes contribuíram muito para que o Pai Natal entrasse em competição com o Menino Jesus e gradualmente até passasse para 1º plano.”

Já vivi tantos Natais. E agora que me pedem que escreva sobre o tema e que a passos largos se aproxima este Natal de 2021, mesmo sem querer, eis que o esplendor da própria palavra me leva em escorrega manso para a lembrança de alguns deles. Tantos: nos Açores, em África, em Portugal continental...

Presentemente, o Natal de 2021 aqui em Lisboa é ainda uma incógnita. O vírus da covid teima em não desaparecer, os contágios multiplicam-se e as novas variantes são um desafio à muito humana resistência das pessoas. Apesar de tudo, quando por aqui se passeia nesta quadra natalícia impossível ignorar as montras, a música, as decorações e mesmo o ar festivo das pessoas que, apesar das máscaras, quando digo que é fortemente empático, não exagero. Tanta coisa bonita à nossa volta que de repente parece explodir em vida própria, tentáculos, envolvências brilhantes e estridentes. Há a linguagem aliciante e apelativa da moda com suas sugestões e toilettes. Os artigos utilitários e decorativos a prometerem ambientes de maravilha. Os bombons. Ah, os bombons em exposição. Com que arte, com que artifício nos convidam, nos sugerem. De certas pastelarias fumegantes, já nem falo. E de súbito, aquilo que parece um milagre vegetal nesta bem concreta cidade de pedra: a loja onde vivem em mundo à parte, plantas e pequenas árvores natalícias em seus variados matizes, odores, combinações.

Porém, o fascínio e a beleza do Natal sempre variou consoante o lugar em que eram vividos e a pessoa que eu era em cada um deles. Por exemplo, os Natais passados em Loureço Marques e na Beira eram desprovidos daquela aura que sempre caracterizou os outros vividos nos Açores ou no Continente português. O excesso de cor e de sol afugentava a intrínseca magia de que cada Natal é feito e até as árvores de Natal destoavam naquele ambiente. Só com muito boa vontade se imaginava que era Natal com aquele calor. O remédio paliativo era imaginar e recordar outros Natais. Sim, os Natais dos Açores, sobretudo.

Mas aqui chegada, manda a verdade que não omita a lembrança de um Natal passado na Terceira nos meus tempos de menina e moça. E esse, um Natal baço, excepcionalmente tempestuoso que acredito também tenha perdurado na memória de alguns terceirenses. Apesar dos muitos anos já rolados, persistem ainda em mim os pormenores, as impressões sentidas então.

Recordo que em vésperas do dia de Natal tinha vindo o aviso da meteorologia a prever mau tempo. Era um aviso que nem sempre era levado a sério, mas daquela vez sim porque a previsão de tanta calamidade assustava: prevenia ela das fortes rajadas de vento, acompanhadas de chuva intensa, devendo a população acautelar portas e janelas, os agricultores os seus animais em altas pastagens e os pescadores, aconselhados a permanecer em terra.

E quando veio o dia, tudo se confirmou. Lembro-me de como lá fora se viam as coisas através de uma opacidade escurecida e trémula, à mercê dos desígnios do vento e das rajadas com que faziam oscilar a pequenez do nosso mundo. Quando se furava o horizonte à procura de mar, encontrava-se uma nesga dele lá ao fundo, algo que nada tinha em comum com o mar amigo que em dias normais rodeava a ilha. Aquele era o espectáculo de um animal a contorcer-se em fúria de epilepsia prolongada, podendo adivinhar-se-lhe o resfolgar e a vontade medonha de tudo aniquilar. Impossível esquecer a inclemência daquele tempo que arrepiava todos os seres vivos e os remetia à necessidade de uma hibernação forçada e assustada.

E quando a chuva e o vento se uniam em forças, que susto tamanho.

Tinha-se a impressão de uma poderosa sinfonia que nos esmagava e aos tectos das nossas casas, um embate poderosíssimo que nada nem ninguém conseguia controlar. Era a impotência de uma ilha perante forças iracundas, pobre ilha, que outra defesa senão encolheres-te e aguardares por melhores dias. Esperares por um verdadeiro dia de Natal.

Tenho ainda tão presente o susto daqueles dias natalícios em que o tempo parecia ter parado. Às escuras, entregues a nós próprios, restava-nos nesse Natal, a abençoada sonolência do não-ser.

Mas em África, só evocava emoções felizes de outros Natais felizes. E os Natais da minha infância nos Açores, estavam entre esses.

O mundo era tão diferente então quando confiadamente púnhamos o sapatinho à espera da vinda do Menino Jesus que havia de lá deixar coisas simples, tão simples como figos passados ou laranjas. Se nos tivéssemos portado bem todo o ano, talvez viesse mais alguma coisa, alguma surpresa bem vinda. O Menino Jesus era então o centro dos nossos Natais. Por isso nos esmerávamos na confeção de presépios enormes para os quais era preciso encontrar musgos bem verdinhos e fazer aparecer aqui e ali lagos e ribeiras límpidas que corriam junto com moinhos de água. Não esquecíamos também as pessoas que púnhamos a circular e em diferentes afazeres, porque naquele tempo o mundo existia assim para nós e para os nossos sonhos. A Igreja era uma aliada de peso e a fé uma coisa tocante com as pessoas a fazerem fila para beijar o pé do Menino, enquanto os cânticos de Natal ecoavam mundo fora onde a Esperança era única habitante. Em certas igrejas havia ainda o hábito de, no fim da cerimónia natalícia, se partilhar na sacristia um brinde especial com figos e rosquilhas.

O Pai Natal só haveria de fazer a sua aparição mais tarde e com ele a árvore de Natal. A TV e, sobretudo, os americanos que nessa altura ocupavam a base das Lajes contribuíram muito para que o Pai Natal entrasse em competição com o Menino Jesus e gradualmente até passasse para 1º plano. Viviam na ilha e como tal, além de outras coisas, foram transmitindo aos poucos o brilho e a atração que era ter uma árvore de Natal carregada de coisas bonitas e rodeada de presentes para os quais se prescindia do tradicional sapatinho. Eles próprios se encarregavam de nessa época distribuir pelas crianças da Terceira brinquedos e coisas com o cheiro da América. Lembro-me da delícia que eram os chocolates deles e mais tarde passei a guardar as pratas que os embrulhavam para com elas fazer bonitas bolas que depois pendurava na árvore de Natal, à semelhança da maravilha que era o que eu via pendurado noutras árvores.

Mas para mim, de todos os Natais vividos até aqui, um em especial persiste na memória encantatória dos meus cinco ou seis anos. Por essa altura em S. Jorge, os sonhos ganhavam asas, umas asas que nos guindavam em alturas nunca vistas e nos levavam até ao reino do fantástico onde moravam as fadas e tudo podia acontecer. Eram umas queridas, as fadas das estórias que me contavam, mas o Menino Jesus ainda devia ser mais querido, ia eu divagando, agarrada à esperança de nesse Natal ter a boneca de trapos com que há tanto tempo sonhava. Escusado será dizer que o tamanho daquele sonho encheu toda a noite até ao raiar do grande dia.

Quando finalmente ele chegou, corri para o meu sapatinho. E lá estava ela: tão bonita e tão sozinha, só à minha espera.

Nunca mais esqueci que os sonhos das meninas de cinco anos acabam sempre por se concretizar. Sempre.